

trabalho crítico com os conceitos

Alíngua histérica

Jairo Gerbase

Na introdução do caso do “homem dos ratos”, Freud afirma que:

A linguagem de uma neurose obsessiva, ou seja, os meios pelos quais ela expressa seus pensamentos secretos, presume-se ser apenas um dialeto da linguagem da histeria; é, porém, um dialeto no qual teríamos de poder orientar-nos a seu respeito com mais facilidade de vez que se refere com mais proximidade às formas de expressão adotadas pelo nosso pensamento consciente do que a linguagem da histeria. Sobretudo, não implica o salto de um processo mental a uma inervação somática — conversão histérica — que jamais nos pode ser totalmente compreensível.¹



Esta relação entre a língua e dialeto pode ser estendida às demais formas da neurose, inclusive à paranoia, se tomarmos por referência o caso de Cecília no qual Freud afirma que:

[...] a histeria tem razão em restaurar o significado original das palavras ao retratar suas inerações inusitadamente fortes. Com efeito, talvez seja errado dizer que a histeria cria essas sensações através da simbolização. É possível que ela não tome em absoluto o uso da língua como seu modelo, mas que tanto a histeria quanto o uso da língua extraíam seu material de uma fonte comum...²

Quer dizer que não apenas a histeria, a obsessão, a fobia e a paranoia, mas a própria língua faz uso da *alíngua* ou, como diria Lacan, o objeto da linguística não é *alíngua*, mas *alíngua*.

1. FREUD, *Notas sobre um caso de neurose obsessiva* (1909/1976, v. X).

2. FREUD, *Estudos sobre histeria* (1893-95/1976).



Se me for objetado que Freud também destacou acima que o pensamento obsessivo é mais próximo do pensamento consciente, ou que Lacan denominou a neurose obsessiva de o princípio da consciência,³ mesmo que me agrade a ideia de elevar a obsessão à categoria de uma neurose exemplar, refutaria que ainda assim não faz discurso: não dizemos, a rigor, discurso obsessivo.

Uma terceira referência a propósito da dominância de *alíngua* histérica sobre o dialeto das demais formas de sintoma pode ser encontrada na fórmula 9 do artigo *Fantasia histérica e sua relação com a bissexualidade*: “Os sintomas histéricos são a expressão, por um lado, de uma fantasia sexual inconsciente masculina e, por outro lado, de uma feminina”.⁴

Trato esta fórmula como um teorema e faço sua demonstração traduzindo fantasia sexual inconsciente masculina, primeiramente por significação fálica e, em seguida por gozo fálico [JΦ], posto que o gozo fálico é aquele que toma por referente (ou significação – *Bedeutung*) o falo; por outro lado, traduzo a fantasia sexual inconsciente feminina por significação tórica e, em seguida, por gozo do Outro [JA], posto que o gozo do Outro é aquele que toma por referente o furo e que se pode mostrar seja através do símbolo do conjunto vazio [Ø] ou da Impossibilidade da Relação Sexual [IRS] ou ainda do objeto *a*.

Freud termina este artigo afirmando que:

No tratamento psicanalítico é extremamente importante estar preparado para encontrar sintomas com significado bissexual. Assim não ficaremos surpresos ou confusos se um sintoma parece não diminuir, embora já tenhamos resolvido um dos seus significados sexuais, pois ele ainda é mantido por um, talvez insuspeito, que pertence ao sexo oposto. No tratamento de tais casos, além disso, podemos observar como o paciente se utiliza, durante a análise de um dos significados sexuais, da conveniente possibilidade de constantemente passar suas associações para o campo do significado oposto, tal como para uma trilha paralela.⁵

3. LACAN, *O Seminário, livro 24, L'insu-que-sait de l'une-bévue s'aile à mourre* (17/5/1977/Inédito).

4. FREUD, *Fantasia histérica e sua relação com a bissexualidade* (1908/1976).

5. *Ibid.*

O significado bissexual do sintoma histérico, que nesta fórmula é indicado como sintoma completo, como trabalho acabado, donde seu valor de alíngua oficial, devemos traduzir por significado assexual, posto que sabemos que a outra parte da sexualidade não pode se escrever, não havendo por isto relação.

Quarta referência, desta vez em Lacan:

[...] Esse dizer provém apenas do fato de que o inconsciente por ser ‘estruturado *como uma* linguagem’, isto é, como *alíngua* que ele habita, está sujeito à equivocidade pela qual cada uma delas se distingue. Uma língua entre outras não é nada além da integral dos equívocos que sua história deixou persistirem nela. É a veia em que o real – o único, para o discurso analítico, a motivar seu resultado, o real de que não existe relação sexual – se depositou ao longo das eras...⁶

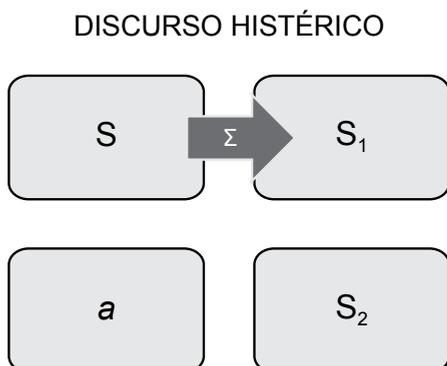
Citação que nos autoriza a atualizar o inconsciente estruturado como *uma* linguagem no inconsciente real estruturado como alíngua.

Prefiro traduzir *lalangue* por alíngua e não por *lalíngua*, porque apesar de a segunda evocar a lalação, não permite o equívoco que a primeira conserva.

À objeção de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem e de que a alíngua não é uma estrutura deve-se responder afirmando que o inconsciente real estruturado como *alíngua* corresponde à ideia do inconsciente como aluvião dos mal-entendidos da língua.

O discurso histérico

Passemos ao discurso histérico, que escrevemos desse modo e podemos ler de várias maneiras. Vamos ler esse matema tal como Lacan o leu no texto sobre o sentido.⁷



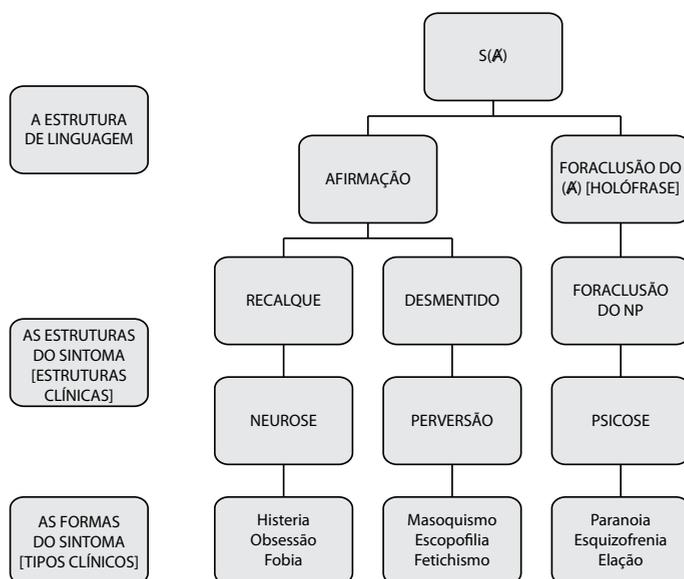
6. LACAN, *L'Étourdit*, (1972/2003, p. 492). Ver também *Thesaurus: lalíngua* [*Lalíngua* nos seminários, conferências e escritos de Jacques Lacan, organizado por Dominique Fingermann e Conrado Ramos. *Stylus* 19].

7. LACAN, *Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos escritos* (1973/2003, p. 550).

Existe uma clínica. Ela é, inclusive, anterior ao discurso analítico, e se o discurso analítico lhe trouxe alguma luz, isso ainda é preciso ser demonstrado. A clínica é mais antiga. O que é uma clínica? Não podemos dizer, só há uma estrutura clínica, a estrutura de linguagem, a estrutura significativa, que escrevemos $S(\mathcal{A})$, porque isso não é uma clínica. A clínica psicanalítica é o que se diz em uma psicanálise.

Mesmo se deduzo da afirmação, da *Bejahung* e da não-afirmação, da *Verwerfung*, da primeira afirmação e da primeira não-afirmação, nesse nível ainda não há uma clínica, porque estamos no nível da gênese do julgamento, e nesse nível ou admito ou expulso, nesse nível que deduzo da estrutura de linguagem e que chamo de estrutura do sintoma.

Creio que é por esta razão que Lacan afirma que existe uma clínica no nível das formas do sintoma. Uma clínica depende das formas de sintoma. É preciso que o sintoma tome forma, configuração, para que se possa dizer: existe uma clínica.



É necessário que o sintoma tome a forma que convém à sua estrutura para que possamos falar de clínica. Portanto, a clínica é das formas do sintoma, das formas neuróticas do sintoma, que podemos escrever como $[\Sigma n]$ e que sabemos que resulta da estrutura do recalque, ou das formas que podemos escrever como $[\Sigma p]$, do sintoma psicótico, que é outra forma do sintoma e que depende da estrutura da foraclusão ou da holófrase.

A holófrase precede a frase. É uma coalescência dos $S_1 S_2$ da frase que suprime o intervalo $S_1 \rightarrow S_2$ próprio da neurose, que também se pode escrever como $S_1 \Sigma S_2$ e funciona como Um que vai da debili-

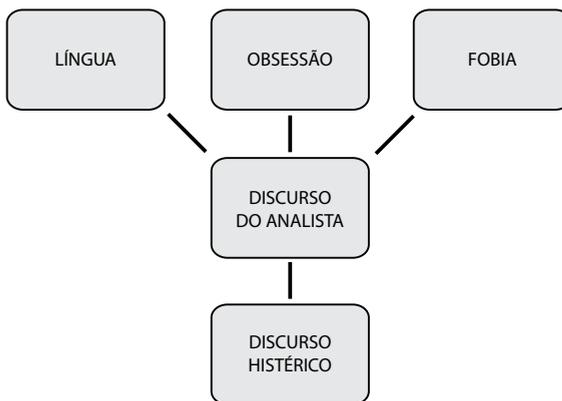
dade à psicose. *Alíngua* é uma holófrase. É um *jouis-signes* distinto da mensagem articulada. Um é do simbólico o outro é do real. Um é pré-verbal, o outro é pré-linguagem.⁸

Podemos partir de [S(~~A~~)] e deduzir daí o discurso histérico; isso torna possíveis as formas histérica, obsessiva e fóbica do sintoma.

Em um esquema como esse, temos, num primeiro nível, a estrutura da linguagem, do significante e, num segundo nível, a estrutura do sintoma, que é, por exemplo, o discurso histérico.

Hoje, vou dizer que o discurso histérico é a estrutura do sintoma por excelência, dado que esse discurso operou do lado da afirmação primordial, operou negando essa afirmação de modo veemente, afirmando: tenho horror de saber disso, que é o que se chama de mecanismo do recalque e que permite constituir a estrutura do sintoma que atinge um discurso, o discurso histérico, do qual podemos deduzir diversas formas de sintoma.

De acordo com essa concepção, a obsessão e a fobia deveriam ser consideradas como formas do discurso histérico, ou tipos de sintoma que resultam da estrutura do recalque. Dessa maneira, gostaria de elevar o discurso histérico à estrutura de todo sintoma ou, pelo menos, à estrutura de todo sintoma neurótico e fazer da obsessão e da fobia formas do sintoma histérico.

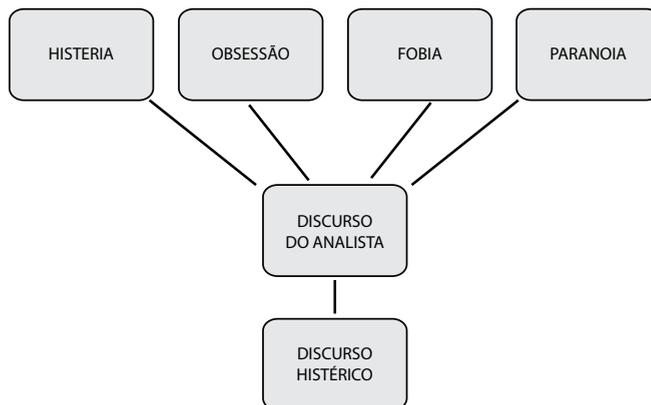


Dizer que o sintoma obsessivo é uma forma do discurso histérico é, no léxico de Freud, dizer que a obsessão é um dialeto da histeria, ou que é uma forma inacabada do sintoma. Poderíamos usar o léxico de Joyce e dizer que o sintoma obsessivo é um “*Work in progress*”, um sintoma em construção, um trabalho em andamento. O sintoma fóbico é também um “*Work in progress*”, dado que não sabemos se ele vai se concluir em um sintoma histérico, em um sintoma obsessivo, ou se vai permanecer, todavia, como um sintoma fóbico.

Podemos estender este argumento ao extremo para poder dizer que, inclusive a paranoia, uma vez colocada no dispositivo analíti-

co, isto é, uma vez operada a partir do discurso do analista, deve ser hystorizada ou histerizada a fim de se tornar sintoma analítico.

Isto parece contrariar o conceito de estrutura clínica, a ideia de que as estruturas clínicas não são intercambiáveis. Porém, atenção: não disse que a histeria pode virar paranoia, nem mesmo disse que a paranoia pode virar histeria; disse que o paranoico pode historizar seu discurso, posto que a paranoia é igualmente um fato de discurso. O paranoico continuará paranoico, porém com um discurso histerizado, historizado. Isto, certamente implicará uma estabilização.



Talvez possamos tomar como exemplo de sintoma em construção o caso do Índio. Trata-se de uma “personalidade” anancástica. Um estudante de engenharia ambiental que se preocupa desde já em proteger o ambiente, por exemplo, pelo reaproveitamento da água suja para a descarga. Suas máximas: o homem destrói o ambiente; o sol vai esfriar; o índio já era artista muito antes de Tarzan... Com quatro anos de idade perguntou à sua mãe: e quando a água do mundo acabar? Ela respondeu: não vai acabar. Ele replicou: como não vai acabar, se todo mundo usa a água? Desenvolveu uma inibição escopofílica [fobia social] que lhe impôs um atraso escolar considerável, uma procrastinação. Para me explicar, diz que era uma criança tão hiperativa, que certa vez seu pai foi à escola lhe obrigar a pedir desculpas à professora e aos colegas; morreu de vergonha. Seu pai gostava de lhe expor ao ridículo: vestir-lhe de palhaço com a cara lambuzada em festas juninas; em um carnaval lhe vestiu uma fantasia de índio, sem roupas, sob o argumento irônico de que: índio anda nu. De modo que acredito que esta fixação de gozo determinou tanto seu sintoma como sua escolha vocacional.

Referências bibliográficas

- FREUD, S. (1893-1895). *Estudos sobre a histeria*. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. II).
- FREUD, S. (1908). *Fantasia hísticas e sua relação com a bissexualidade*. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. VIII).
- FREUD, S. (1909). *Notas sobre um caso de neurose obsessiva*. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. X).
- LACAN, J. *O Seminário – livro 24: L'insu-que-sait de l'une-bévue saile à mourre*. (1977) Inédito.
- LACAN, J. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- SOLER, C. O “corpo falante”. *Caderno de Stylus*. Rio de Janeiro: EPFCL-Brasil, 2010.

Resumo

Sob o título de *alíngua* histérica, escrita com uma só palavra como propõe Lacan, gostaria de justificar nossa hipótese de trabalho segundo a qual o campo das neuroses, campo do inconsciente real, é uma espécie de território onde domina uma língua oficial – *alíngua* histérica – da qual as outras formas de sintoma, especialmente a forma do sintoma obsessivo, correspondem a um dialeto.

Palavras-chave

Alíngua, discurso histérico, inconsciente real.

Abstracts

Under the title *lalange* hysterical, written with a single word as proposed by Lacan, I would like to justify our working hypothesis in which the field of neuroses, field of real unconscious, is a kind of land where dominates an official language – *lalange* hysterical – in which other forms of symptom, especially a form of obsessive symptom, correspond to a dialect.

Keywords

Lalangue, hysterical discourse, real unconscious.

Recebido

15/02/2011

Aprovado

06/03/2011